

UMA NOVA ORDEM MUNDIAL: NOVOS PÓLOS DE PODER

Ana Cláudia Leite Ramos, 5º período

O cenário internacional é algo que existe, porém ao mesmo tempo é abstrato. Apenas alguns atores têm voz neste campo. É considerado, na verdade, como um tabuleiro de xadrez com múltiplos jogadores, onde o objetivo final seria a maximização dos lucros baseados nos ideais do capitalismo e liberalismo. É possível comparar o cenário internacional e seus atores com os deuses gregos olímpicos.

Palavras-chave: atores internacionais; relações interestatais; globalização

A Nova Configuração no Olimpo

O cenário internacional é algo que existe, porém ao mesmo tempo é abstrato. Apenas alguns atores têm voz neste campo. É considerado, na verdade, como um tabuleiro de xadrez com múltiplos jogadores, onde o objetivo final seria a maximização dos lucros baseados nos ideais do capitalismo e liberalismo. É, portanto neste ambiente onde se pode encontrar o “Estado de Natureza” abordado pelos teóricos clássicos contratualistas, como Thomas Hobbes. Neste tabuleiro, o jogo não é estável.

Desde o século XX, a humanidade vivencia a era das grandes Potências Hegemônicas, onde as teorias realistas clássicas perderam espaço, pois não se trata mais de um jogo de soma zero, que para um lucrar o outro tem que, necessariamente, perder. Atualmente se fala da era dos lucros relativos, onde as relações de poder existentes no cenário podem se tornar lucro para ambas as partes.

É possível comparar o cenário internacional e seus atores com os deuses gregos olímpicos. Desde a Segunda Guerra Mundial, podemos dizer que houve uma quebra no centro do poder mundial, até então era a Europa, e quem se sobrepôs a ela foram os Estados Unidos e a ex União Soviética (URSS). Coloca-se a Europa como sendo o Titã Cronos, que cria seu filho Zeus [Estados Unidos] e este lhe depõe, juntamente com seus irmãos Hades e Poseidon [URSS e os países sob influência norte-americana]. Que juntos tomam a frente do cenário internacional e o poder, antes centralizado na

Europa é dividido entre os Deuses: Zeus e Hades, que brigam pelo controle do Olímpo, resultando na Guerra Fria.

O resultado da Guerra Fria é inegável, Zeus manda seu irmão Hades para o “submundo” ganhando assim o controle sobre o Olímpo. A URSS se desfaz em 1991 deixando o cenário internacional livre para os Estados Unidos exercerem um poder de governança tamanho, que nenhum Estado desde então foi capaz de sequer chegar a parâmetros comparáveis ao gigante norte-americano.

Desde que os Estados Unidos assumiram a posição de potência hegemônica, o capitalismo e o mantra da globalização foram altamente aceitos por inúmeros Estados, muitos criticaram, porém não desenvolveram algo que conseguisse ser tão aceito em tão pouco tempo.

A globalização foi um fenômeno amplamente aceito, sendo apoiada pela revolução científico-tecnológica do século XXI. Com a atuação desses fenômenos, o mundo torna-se mais “próximo”, as barreiras da distância caem. Tudo ocorre simultaneamente. Uma ação tomada nos Estados Unidos pode se sentir as consequências em questão de segundos do outro lado do mundo. A sociedade perde o seu senso crítico com a alta velocidade com que surgem as novidades no mercado tecnológico, nas áreas de comunicação e modo de vida; a sociedade não possui mais um período de assimilação e crítica, ela aceita tudo o que é imposto com certa inércia.

Com a crise do dólar ocorrida em 2008 muitos sociólogos, historiadores e teóricos das relações internacionais começaram a cogitar a possibilidade de haver uma decadência da grande potência hegemônica norte-americana, chegando até a se falar em uma crise do capitalismo. Com a crise, foi comprovado que os Estados Unidos mantém o controle mundial. A crise aconteceu no coração norte-americano e afetou o globo como um todo. Até a superação da crise, o mundo viveu um período de instabilidade no sistema financeiro, e muitos ainda sentem o impacto que a crise causou.

O economista José Luís Fiori tem uma perspectiva interessante a ser analisada. Com razão, ele lança, em seu texto para o jornal Valor Econômico, perguntas extremamente pontuais: “Por que é uma “crise terminal” e não passageira? Se for “terminal” quando seria o seu desfecho?”. Ainda hoje é

impossível se falar em um fim no poderio norte-americano, já que nenhum outro Estado tem a possibilidade de se equiparar aos seus grandiosos números, e seus ambiciosos projetos.

Atualmente, os Estados Unidos podem ser chamados de “dono do mundo”, pois não importa a crise que se suceda, no fim do dia quem “paga a conta” ainda é o poderoso Zeus olímpico.

A fase em que se encontram os Estados Unidos no ciclo hegemônico, decorrente da teoria das “sucessões hegemônicas”, pode ser avaliada como a fase de estagnação da potência. Alguns teóricos ainda acreditam que ele esteja em sua fase de decadência, porém, graças às novas perspectivas de governança global, talvez o que esteja em decadência não é a potência norte-americana e sim o modelo do capitalismo liberal.

Ressurgimento de Cronos

O mundo hoje contempla um fenômeno que está se espalhando por todas as regiões do globo – o Regionalismo. Novas considerações, posicionamentos são levados em conta na dança efetuada pelos Estados no cenário internacional. Graças a essa epidemia regionalista, há blocos capazes de causar efeito no âmbito internacional. A União Européia é o bloco regional mais forte institucionalmente, tanto que pode ser chamada de “fortaleza européia”. Nas Américas, pode-se destacar o MERCOSUL (Mercado Comum do Sul) e o NAFTA (Acordo de Livre Comércio da América do Norte). Com a entrada dos blocos no jogo de poderes a nível internacional, fica mais difícil e complexo navegar nesse mar tortuoso.

O mundo ingressa nas políticas regionalistas como uma forma alternativa de contenção da globalização. Muitos Estados querem preservar, ou até restaurar, o pouco controle que lhes restaram sobre os seus ambientes socioeconômico, cultural e político.

Além disso, como atualmente as sociedades estão interligadas num sistema de interdependência complexa (Interdependência complexa, conceito proposto por Robert Keohane e Joseph Nye), os Estados soberanos necessitam da criação de instituições globais para regular suas relações,

diminuindo inclusive a exploração que os Estados fortes exercem. Como exemplo de instituição global, pode-se citar a Organização Mundial do Comércio (OMC) que regula todas as relações nas políticas de mercado e do comércio dos Estados-membros.

Outro exemplo de instituição que impõe certo poder regulador é a Organização das Nações Unidas (ONU). Só que a ONU funciona como “vigia” do mundo. Ela está atrelada a securitização do sistema internacional.

Quanto aos blocos regionais, entre eles, destaca-se a União Européia, que teve seu processo de formação iniciado logo após a II Guerra Mundial numa tentativa de reconstrução da Europa. Este bloco desenvolveu características tão específicas que atualmente é impossível compará-lo a outros blocos. Em sua base, existem três pilares, dois intergovernamentais um supranacional. A União Européia é tão forte que a maioria das decisões é efetuada em conjunto e aplicada a todo o bloco.

Utilizando-se do regionalismo fechado, a fim de aplicar políticas protecionistas, a União Européia vai além de um mercado comum, ela possui uma união política como também uma união monetária (com exceção da Inglaterra e Dinamarca que não aderiram ao sistema Euro). Este tipo de regionalismo vai de encontro às propostas do GATT (Acordo Geral de Tarifas e Comércio), que prega a liberalização comercial e combate as práticas protecionistas.

A União Européia fortalece cada Estado-membro de uma maneira a causar um tremendo impacto no cenário internacional, equiparando seu poder e influencia aos Estados Unidos.

O gigante norte americano está ciente das mudanças no estilo de governança no cenário internacional. Ele juntamente com o Canadá e o México formam um bloco regional o NAFTA. Diferentemente dos propósitos de protecionismo utilizado na UE, o NAFTA utiliza-se do regionalismo aberto “livre de restrições”, que tem como objetivo final criar uma Zona de Livre Comércio global.

Fúria de Titãs

Atualmente, as políticas regionalistas interagem, se sobrepõem e transformam, criam, pois, um novo cenário político global. De acordo com o professor Björn Hettne, PhD em História Econômica, para compreender a nova ordem econômica, é necessário analisar a força relativa dos dois projetos de ordem mundial existentes. De um lado, um projeto liderado pelos Estados Unidos baseado no conceito de “interesse nacional” e, do outro, um totalmente incompatível com o norte-americano, baseado no regionalismo liderado pela União Européia.

Tem-se a divisão do mundo: neo-imperialismo e *hard power* versus inter-regionalismo e *soft power*. Todavia, não é mais um conflito de ideologias como foi na Guerra Fria, a discussão, ou “conflito”, é quanto ao meio de propagação do poder e da influência.

Após a crise de 2008, muitos teóricos viram como o início do declínio do poder norte-americano. O que deve ser observado não é o poderio dos Estados Unidos que está em cheque e sim o modelo de capitalismo liberal. Não se sabe o que irá substituí-lo, mas que acontecerá uma mudança é algo quase exato. Talvez, o sistema capitalista não irá se desintegrar, mas sim, adaptar-se.

Referências:

BJÖRN, Hettne; FARRELL, Mary; LANGENHOVE, Luk, 2005: ***Global Politics Of Regionalism: Theory and Practice***.

HERTZ, Mônica; HOFFMAN, Andrea Ribeiro, 2004. **Organizações Internacionais. Histórias e práticas**.

HOBSBAWN, Eric J., 1994. ***Age of extremes: The short twentieth century 1914-1991***.

WEFFORT, Francisco C., 2006. **Os clássicos da política**. volume 1.